

famoso por sua contribuição ao conhecimento da mitologia e da lingüística. Seria homenagem nada mais do que justa a um homem que dedicou a vida ao estudo da região. E para dar bem a idéia de que nem de longe estão revelados todos os mistérios da floresta amazônica, não faria mal alguma referência menos rápida a cientistas de nossos dias, como, por exemplo, a Ettore Biocca, italiano também, que ainda há uns três anos voltou de uma expedição com descobertas muito importantes no campo da parasitologia e da etnologia.

A ciência, afirma-se, não tem pátria; os cientistas sim, ainda mais quando são exploradores. Não se lhes troque, pois, a nacionalidade. Na legenda duma ilustração, Léry aparece como espanhol (pág. 435); no índice, Poeppig está como botânico francês (pág. 476), e Martius surge como austríaco também no texto (págs. 188 e 410). Estes e outros descuidos de revisão, entretanto, se corrigirão facilmente em edição futura, que por certo não tardará.

É muito boa a apresentação gráfica do volume. A riqueza de gravuras é extraordinária, mas a sua seleção não satisfaz. Dispomos hoje de tão abundante material fotográfico, e de excelente qualidade, sobre a Amazônia em todos os seus aspectos, que não se justifica a inclusão, como que para sair de um embaraço, de ilustrações de monumentos arqueológicos mexicanos, de igrejas coloniais mineiras, de tipos e cenas indígenas das mais diversas áreas sul-americanas. Em lugar de um sem-número de fotografias e desenhos de objetos da antiguidade peruana, sem dúvida bonitos, mas em sua maioria bastante conhecidos, desejaríamos ver uma amostra que seja da cerâmica marajoara ou da arte de Santarém. Faz falta também um bom mapa moderno da bacia amazônica.

Em que pêsse a tudo isso, há no livro muito que aprender. O estilo, vivo e pitoresco, mantém alerta o leitor do começo até o fim.

Egon Schaden

*

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: *Made in Africa*. 193 págs., 2 pranchas. Editôra Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1965.

Câmara Cascudo, folclorista conhecido no Brasil e no mundo, acaba de acrescentar mais uma obra a sua muito respeitável produção científica. O livro, um tanto rapsódico, vale por um passeio instrutivo pela África e pelo Brasil. Tem por objeto principal sobrevivências culturais negras em nosso país, coisas com que o autor estava de longa data familiarizado através de seu vasto conhecimento do folclore nacional e que foi como que redescobrir em viagens que fez, há poucos anos, pelo continente africano, ocidental e oriental. A par desses elementos, vindos de lá com a importação de escravos, apontam outros, de origem brasileira, hoje integrados em culturas do Continente Negro. Dos primeiros, muitos já cuidaram; o que falta investigar melhor é a influência brasileira em terras africanas e o refluxo cultural afro-brasileiro para além do Atlântico.

O subtítulo "Pesquisas e notas", apôsto entre parênteses, não promete uma análise em profundidade, que não poderia estar nas intenções do autor. Não pretende êle estudar de forma exaustiva a nenhum dos temas que aborda, já que para tanto seria preciso um volume de cinco ou dez vezes o tamanho dêste. No prefácio, adverte ao leitor que não quer discutir, apenas verificar. O que não impede que, vez por outra, manifeste a sua opinião em questões controversas, indicando algum argumento em que se apóia.

Com diligência e atenção, o sábio viajante vai registrando os paralelos e as semelhanças com o que deparou no folclore brasileiro em quatro décadas de estudo e de pesquisa. Percebe-se bem a satisfação que experimenta ao associar êsses fatos com mil e uma reminiscências, verdadeiro caleidoscópio que abrange tôdas as partes do mundo e tôdas as épocas da humanidade, até mesmo a pré-história. O folclorista assegura que o seu maior esforço foi o de pôr freios à imaginação.

Coisas tais como o ananás, o papagaio verde, a rêde de dormir e búzios das praias nordestinas estão entre os elementos brasílicos levados daqui para a África, mas a presença hoje, nesse continente, de fenômenos ou traços similares a outros encontrados aqui pelos portugueses não leva o autor, sem mais nem menos, a admitir a sua origem sul-americana. Nem adota essa atitude com relação a fatos da cultura brasileira de nossos dias. Ao contrário. Apesar de sua inclinação difusionista, procura sempre localizar, cá e lá, elementos autóctones afins preexistentes ao contacto que poderiam talvez, em certos casos, facilitar a compreensão de como as coisas vindas de fora se integraram em contexto diferente. Em suas andanças pela África, identifica um sem-número de traços culturais que, trazidos ao Brasil, aqui se conservam, mais ou menos transfigurados. Outros apenas se parecem com elementos originais de nossa terra. Quanto à banana, velho pomo de discórdia, tem por certo que, além de espécies africanas, outras há nativas da América. As citações que apresenta não o comprovam.

Festas, danças e ritos, amuletos, os mais variados usos e costumes, crenças e padrões de comportamento, topônimos e expressões idiomáticas, tudo isso e muito mais serve de motivo ou pretexto para confrontos, ora com intuito histórico-cultural, ora para aventar uma simples hipótese psicológica. A rainha Jinga das congadas, o cafuné, o samba de umbigada, entre outras coisas, dão margem a comentários eruditos. As páginas mais substanciais são as que se referem às danças. Em geral, porém, o texto peca por excesso de citações, testemunhos de muito manuseio de livros, mas tão numerosas que o leitor tem séria dificuldade de apreender o fio do pensamento. E nem sempre o especialista se disporá a acompanhar sem relutância as conjeturas e as explicações propostas. A posição de socó, atitude de descanso comum em tribos hamíticas das margens do Nilo (e por isso conhecida como posição nilótica), mas encontrada em muitas outras regiões do mundo, interpreta-a Cascudo, contradizendo a Lindblom, como imitação "das aves pernaltas que ficam, horas seguidas, com uma perna encolhida, à beira d'água" (pág. 80). Todos os povos, argumenta, em que se registrou o costume habitam à beira de rios ou lagos. Na América do Sul ocorre em pelo menos uma dúzia de tribos indígenas, desde o norte de Colômbia até o Paraguai, e também na população brasileira do litoral nordestino. O único responsável por sua existência em áreas sul-americanas seria o escravo negro. Com a devida vênia, o desconfiado leitor coloca aí um ponto de interrogação, como o põe em outras hipóteses e afirmações. Mas acaba reconhecendo que "Made in Africa", além de conter muitas idéias sugestivas, chama a atenção para uma infinidade de pequenos fatos que a outros escaparam.

Na paisagem intelectual brasileira, Luís da Câmara Cascudo tem algo de homérico. Nem lhe faltam, é claro, os necessários cochilos. Seria pedantismo pôr-se a catá-los num livro pitoresco, escrito ao correr da pena.

Egon Schaden